

ENSAIO

REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA E COLABORAÇÃO: a plataforma digital como suporte de preservação da memória cultural

Juliana CAMPOS LOBO⁴⁷

RESUMO: Pretende-se uma reflexão sobre a preservação e arquivamento da memória cultural, com a utilização das plataformas digitais *online*, a partir de exemplos como o caso do museu virtual e colaborativo *Museu da Pessoa*, e o Portal *Porta-Curtas*, que exhibe e cataloga curta-metragens nacionais brasileiros. Recebe destaque a representação da memória cultural no contexto das plataformas digitais, a partir dos novos recursos tecnológicos, que sugerem a transposição de limites tradicionais ligados à experiência e à rememoração. Considera-se ainda o processo colaborativo online, que surge a partir da mudança de postura do usuário, diante dessas plataformas.

PALAVRAS-CHAVE: Memória cultural. Plataforma digital. Colaboração. Preservação

ABSTRACT: *The aim of this paper is to reflect on the preservation and archiving of cultural memory, with the use of online digital platforms, from examples such as the case of virtual and collaborative museum Pessoa Museum, and the Portal Porta Curtas, which displays and catalogs Brazilian nationals short films. It is highlighted the representation of cultural memory in the context of digital platforms, from the new technological resources that suggest the implementation of traditional boundaries linked to the experience and recollection. It is still considered the online collaborative process that arises from the change in posture of the user, on these platforms.*

KEYWORDS: Cultural memory. Digital platform. Collaboration. Preservation.

1. Introdução

Eu nunca entendi quando o passado começa ou onde ele termina, mas se cidades mapeiam o passado com estátuas feitas de bronze imobilizadas para sempre numa posição digna, por mais que eu tente fazer o passado ficar imóvel e se comportar com educação, ele se movimenta e fala comigo todo dia. [Em Nadando de Volta para Casa, de Deborah Levy].

De algum modo, ainda vivemos em tempos de mudanças. O uso da internet e das ferramentas que a acompanham, especialmente aquelas relacionadas às tecnologias da

⁴⁷ Aluna do Doutorado em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais e mestre em Comunicação Multimédia pela Universidade de Aveiro. É bolsista de doutorado pela CAPES. Possui bacharelado em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: julianaclobo@ua.pt

informação e comunicação (TIC), em vários setores da sociedade, é um fenômeno crescente e, porque não ousar afirmar, irreversível. Viver em uma sociedade que se transforma muito rápido e onde, continuamente, o trânsito de informação assume um papel central, instiga também a desenvolver outras habilidades para lidar com tanto pluralismo.

É por este motivo que muitos relacionam estas mudanças ao surgimento da internet – que se tornou um tecido vital, como “um meio para tudo que interage com o conjunto da sociedade [...], apesar de ser tão recente em sua forma societária” (CASTELLS, 2010, p. 255) – e ao advento das redes sociais, as quais podem ser abordadas por diferentes perspectivas.

Ao adentrarmos neste assunto, as justificativas para se creditar que a internet e as redes sociais são “responsáveis” pelas mudanças mais significativas na organização social contemporânea correspondem, fundamentalmente, a duas situações: ao desenvolvimento excepcional das comunicações, que possibilitou a conexão entre pessoas onde havia isolamento; e à valorização da relação entre pessoas e entre pessoas e as coisas. Estas duas razões explicam, em particular, a importância que a internet e as redes sociais assumiram tanto no nível do conhecimento, quanto no nível da prática (LEMIEUX, 2000).

No entanto, para Jenkins (2010), tais mudanças podem ser apropriadamente explicadas pela convergência, conceito que consegue “definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando” (p. 29). Nesse ínterim, a convergência abarca:

o fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, a cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e o comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam (IBID, p. 29).

É nesse contexto que são abordados os exemplos do *Museu da Pessoa* e do *Portal Porta Curtas*, enquanto plataformas digitais colaborativas, que têm a memória cultural - depoimentos, imagens, vídeos, filmes, curtas - preservada através de recursos tecnológicos que são representativos do que Jenkins nomeia como Era da Convergência.

5. Revisão bibliográfica

a. A colaboração no ciberespaço

Foi com os recursos disponibilizados pela *Web 1.0* que se conheceu as primeiras mudanças tecnológicas, sociais e culturais, quando, através de um simples clique, era possível mudar de um site para outro e acessar uma variedade significativa de conteúdos disponíveis.

Anos depois, com o surgimento da intitulada *Web 2.0*, de simples usuários passamos a ser produtores de informação e conteúdos, colaboradores, já que anteriormente, por exemplo, a divulgação pública de informação não permitia o alcance direto do cidadão comum.

Logo, essencialmente alicerçada pela democratização no uso da rede, onde é possível não apenas acessar conteúdos, mas também transformá-lo, reorganizá-lo, classificá-lo e compartilhá-lo, possibilitando a emergência de um tipo de inteligência proveniente da interação entre os agentes em comunicação - a inteligência coletiva⁴⁸ (LÉVY, 2007) -, a *Web 2.0* apresenta como principal característica a colaboração.

Nesse contexto, a dinamicidade, interatividade e flexibilidade dos conteúdos e publicações propiciaram o desaparecimento da estaticidade que possuíam e possibilitaram um espaço para as suas edições, feitas pelos próprios usuários e não somente por profissionais da área. Assim, diante de tantas vantagens, torna-se imprescindível um olhar atento sobre as potencialidades que a *web* oferece, especialmente por colocar o antigo usuário num lugar privilegiado, onde lhe é dada a possibilidade de se tornar um *prosumer*⁴⁹ (produtor-consumidor) de conteúdo para a rede.

b. A representação da memória cultural na plataforma digital

Os processos de comunicação possuem uma relação com a realidade concreta e com a experiência, a qual, segundo Rodrigues (1999), está vinculada a um conjunto de saberes fundados no hábito. Por esse motivo, a experiência é dependente “dos mecanismos da memória, da capacidade de rememoração que os humanos possuem, da capacidade de rememorar, no presente, o passado e de prever o futuro, a partir da rememoração presente do passado” (RODRIGUES, 1999, p. 5-6). Por isso, a memória é constituinte de um agente social, que vive e age neste mundo histórico e cultural.

O sociólogo francês Maurice Halbwachs (1990) foi um dos primeiros teóricos a tratar da memória, afirmando que a memória individual existe a partir de uma memória coletiva⁵⁰ - termo criado por ele -, já que as lembranças são constituídas no interior de um grupo, ou seja, a partir das relações e da interação social. Em adição, a origem de várias ideias, reflexões,

⁴⁸ Estudos recentes intitulam essa mesma propriedade de “ecologia cognitiva” (SANTAELLA & LEMOS, 2010, p. 25).

⁴⁹ Termo criado por Alvin Toffler (2012). É um neologismo originário da língua inglesa e que corresponde à união das palavras *producer* (produtor) + *consumer* (consumidor) ou *professional* (profissional) + *consumer* (consumidor).

⁵⁰ Faz referência à Sociologia tradicional de Émile Durkheim.

sentimentos e paixões que nos são atribuídas, são, sobretudo, inspiradas pelo grupo social do qual fazemos parte e pela língua que nos une.

Contudo, ainda que a concepção de Halbwachs tenha estabelecido um “território conceitual” para a memória, o reaproveitamento dos seus estudos pelas Ciências Humanas e Sociais trouxe uma separação de entendimento no que tange à memória individual (ou neurobiológica) e à memória coletiva (ou social e histórica). A quantidade de conceituações corresponde à distinção dos objetos científicos. Porém, atendo-se à consideração de Halbwachs (1990), em que a memória individual existe a partir de uma memória coletiva, o elo entre as reminiscências do sujeito e as do grupo social, no qual esse mesmo sujeito está incluído, pode fazer referência à língua e ao laço cultural que os congrega, o que, conseqüentemente, gera a interação social. Logo, o laço cultural e a interação social colaboram para a constituição de uma memória individual e coletiva, que juntas concretizam a memória cultural.

E por que memória cultural? Primeiramente, porque o homem, enquanto ser cultural⁵¹, não age isoladamente e, por isso, a sua memória cultural “está diretamente ligada ao patrimônio de um povo, pois gera, a partir da sua cultura, tomada em manifestações naturais, materiais, um ponto de referência de sua identidade e as fontes da sua inspiração” (CARNEIRO, 2006, p. 20). Em outras palavras, são os elementos formadores da identidade cultural de um grupo, constituídos ao longo de sua história. Refere-se, portanto, ao seu acervo cultural, contribuindo para seu modo de fazer, ser, sentir e se expressar, pois é um fator de identificação do indivíduo em relação a si mesmo e ao grupo.

É importante ressaltar que as duas plataformas aqui analisadas possuem, enquanto característica comum, recursos tecnológicos relacionados à memória cultural, destacando que esta já pode ser analisada no contexto de mediação tecnológica. Ou seja, a memória cultural já pode ser registrada em novos espaços de interação social e a partir de novos instrumentos de preservação, tendo em vista que o conceito de memória está estritamente ligado às transformações tecnológicas e sociais que a Sociedade em Rede vive, inclusive no que tange à natureza plástica que adquiriu com as novas experiências de rememoração e de representação pelos usuários através das plataformas digitais.

⁵¹ *O homem cria e utiliza símbolos para associar significados a todas as coisas. É por meio desses símbolos que se pode transmitir a cultura de geração em geração, em uma ação contínua de criação, transformação, aperfeiçoamento e recriação.*

6. Método

Para subsidiar a proposta deste ensaio, o método utilizado foi a avaliação analítica de uma postagem do *Museu da Pessoa*, disponibilizada no canal do Museu no *YouTube*, e outra do *Portal Porta Curtas*, na seção dos curtas mais vistos e comentados. As postagens foram escolhidas pelos critérios de quantidade de visualizações, compartilhamento, comentários e marcações como favoritos.

Vale destacar que na avaliação analítica tem lugar a descrição de como se efetiva o processo colaborativo do conteúdo por parte do usuário, ressaltando as etapas em que ele ocorre, a comunicação de cada plataforma com o *prosumer* e a forma como é feita a exposição desse conteúdo.

7. Procedimento

- a. Memória cultural e colaboração: estudo analítico das plataformas *Museu da Pessoa* e do *Portal Porta Curtas*

No contexto das plataformas digitais, é possível observar novas características estruturais e novos processos construtivos que parecem marcar, com mais nitidez, os recursos tecnológicos dos últimos anos. Tais recursos são delineados pela inserção das tecnologias da informação e da comunicação na produção, no consumo e na circulação da informação, e pelo estreitamento da noção de espaço e tempo em que se move a sociedade contemporânea.

Hoje, novas sensibilidades, novos conceitos estéticos e novas formas de experienciar o mundo são transportadas para a tela, através dessa diversidade, cada vez maior, de recursos tecnológicos que contribuem para o desenvolvimento da plataforma digital do nosso tempo, como possível ferramenta de armazenamento de uma dada memória cultural. Portanto, as plataformas digitais surgem como um meio habitado na *web*, utilizadas, sobretudo, para o lançamento de conteúdo.

Ao levantar algumas tendências gerais, ressalva-se o processo colaborativo, mediado pelo ciberespaço nas plataformas digitais, como uma das características decisivas na definição dessas mudanças mais recentes. No entanto, esse processo de colaboração sugere aspectos que estão diretamente relacionados ao fluxo de comunicação, como a necessidade de partilhar, de estabelecer um contato em que se pretenda um resultado comum.

Nesse sentido, ao considerar o outro, o *prosumer*, como um elemento relevante neste processo, as trocas e negociações tornam-se inevitáveis, assim como a percepção em torno da relação, que pode inferir outro tipo de complexidade. No entanto, a cultura digital e as recentes mudanças tecnológicas oferecem às plataformas digitais um espaço de convergência, já que possibilita outro mecanismo na troca de ideias, na construção do conhecimento e no relacionamento social.

A partir disso, alcança-se o que Howe (2008) conceituou como colaboração ou *crowdsourcing*. Para ele, o termo representa, a atribuição de uma função que é desempenhada por profissionais e que pode ser desenvolvida por um grupo indeterminado e amplo de indivíduos, como um apelo à colaboração. Assim como no processo comunicacional, com a introdução de novos suportes midiáticos, a colaboração no ciberespaço, que se concretiza por meio das plataformas, “conforma novos espaços culturais, sendo capaz de alterar as interações sociais e a estrutura social em geral” (SANTAELLA, 2005, p. 11).

Nesse sentido, e retomando a representação de uma dada memória cultural, observa-se em alguns casos a plataforma digital como ferramenta de armazenamento e preservação dessa memória, através do processo de colaboração digital. No entanto, isso se torna possível especialmente pela recontextualização em que a memória é processada e da sua natureza plástica em efetuar novas conexões que garantem outras linguagens de preservação. Para ilustrar, apresentamos a seguir os exemplos do *Museu da Pessoa*, em São Paulo-Brasil, e do Portal *Porta Curtas*.

4.1.1 Museu da Pessoa

A iniciativa do que hoje se conhece por *Museu da Pessoa* nasceu de uma experiência realizada em dezembro de 1991, no Museu da Imagem e do Som (MIS) de São Paulo, durante a exposição *Memória e Migração*, que apresentava a trajetória de imigrantes judeus para o Brasil e tratava, por meio de inúmeras atividades, as memórias dos imigrantes em São Paulo. Dentro da exposição, disponibilizou-se um estúdio para que toda pessoa interessada viesse contar sua história. A experiência confirmou tanto a demanda pelo espaço em compartilhar a própria história, quanto a riqueza que cada história de vida revelava, concretizando a estrutura que o museu dispõe atualmente.

Considerado um museu virtual e colaborativo de histórias de vida, o *Museu da Pessoa* propõe ao visitante que se torne parte do acervo ao registrar sua história de vida, ou que

assuma a função de curador, na medida em que pode montar e publicar suas próprias coleções de histórias, imagens e vídeos. Atualmente, o acervo do museu contabiliza mais de 16 mil depoimentos em áudio, vídeo e textos, além de 60 mil fotos e documentos digitalizados.

Para se ter uma dimensão preliminar da forma como se dá a produção e circulação do conteúdo audiovisual do museu, que em média possui de 7 a 25 visualizações, escolheu-se o depoimento audiovisual mais visualizado e comentado disponibilizado no canal do *Museu da Pessoa* no *YouTube*. O vídeo postado em 16 de outubro de 2012 corresponde à história de vida do Pastor Dione dos Santos, que possui 3.585 visualizações, 7 comentários, 11 “gostos” e 2 “não gostos”. Dione dos Santos é um sujeito social anônimo, que é ex-presidiário e hoje trabalha com a evangelização em presídios. A intenção de fazer um vídeo sobre sua história de vida partiu de sua vontade, deixando a cargo da equipe de filmagem do *Museu da Pessoa* fazer o trabalho de capturação da imagem e edição do vídeo.

No entanto, a colaboração no envio de vídeo não perpassa apenas pela intenção de gravá-lo com o auxílio da equipe. O usuário colaborador que quiser ter sua história de vida registrada na plataforma do museu tem a opção de efetuar um cadastro, com a inserção de dados pessoais, uma descrição sobre o depoimento, fotos, título e tags. O vídeo fica disponível no canal do *YouTube* do Museu e pode ser favoritado, comentado e compartilhado. Porém, o fluxo de partilha ainda é significativamente pontual.

Esse dado sobre o fluxo de partilha foi também verificado a partir dos conteúdos disponibilizados nos perfis de outras redes sociais virtuais - *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* e *Google+* -, que o *Museu da Pessoa* possui, mas que também não evidencia nenhum link, nesta data, para o depoimento do pastor. Nesse sentido, a maioria dos conteúdos disponibilizado nas demais plataformas corresponde a outras informações referentes ao museu, mas não estritamente ligadas aos depoimentos audiovisuais. Quanto aos comentários postados na página do depoimento no *YouTube*, os usuários apenas parabenizam o pastor pela sua trajetória religiosa e por compartilhar a sua história de vida

4.1.2 Portal *Porta Curtas*

Desenvolvido em agosto de 2002, o *Porta Curtas* é uma plataforma que objetiva não apenas catalogar os melhores curtas-metragens brasileiros para a internet, mas também formar um painel representativo da produção nacional de curtas no que concerne as décadas, técnicas, tendências e elencos. O portal, que conta com o patrocínio da Petrobras, é pioneiro na internet

nacional brasileira, pois todos os curtas disponíveis são exibidos em sua forma original, sem cortes, e os direitos autorais dos idealizadores são sempre respeitados.

Dentre os portais que exibem produtos audiovisuais já existentes no Brasil, a característica mais marcante do *Porta Curtas* é que o foco principal reside na promoção dos curtas também através de outros sites, garantindo uma difusão mais ampla. Segundo as informações disponibilizadas no portal, “webmasters, editores e blogueiros podem escolher filmes que sejam adições interessantes ao conteúdo de seus sites e receber um link que permite que o curta seja exibido a partir deles. A disponibilização de links para outros sites é um serviço automático e gratuito para todos” (PORTA CURTAS, 2014). Assim, é sugerido que a circulação do conteúdo audiovisual não fique restrita somente ao portal.

Quanto à produção de conteúdos, esta se estrutura de duas formas: a partir da catalogação de curtas feita pela própria equipe do *Porta Curtas* e pela colaboração dos *prosumers*. A colaboração se efetiva através de um contato de e-mail pelo portal ou pelo envio de uma ficha técnica completa ou de um DVD para o endereço da curadoria do Portal *Porta Curtas*. O trabalho é avaliado por uma comissão editorial do portal, a partir de critérios qualitativos e técnicos (incluindo adaptação para ser exibido via internet).

Assim, tomando por base o mesmo critério de análise do *Museu da Pessoa*, o curta mais visualizado e comentado é *O jaqueirão do Zeca*, que possui 56.008 visualizações e 30 comentários. O vídeo foi postado em 2004, no mesmo ano em que estreou em festivais no Rio de Janeiro - RJ, e trata da escolha do repertório do cantor e compositor brasileiro Zeca Pagodinho, com a organização de uma grande roda de samba em que sambistas emblemáticos são personagens indispensáveis ao curta.

Os 30 comentários relacionados ao vídeo giram em torno da popularidade do cantor, de congratulações pela iniciativa do vídeo e apenas um usuário pergunta como faz para adquirir o curta. Não há qualquer compartilhamento do vídeo, pois, para fazê-lo, apesar de ser gratuito, como informado pela plataforma, é preciso solicitar ao portal o link de acesso do produto. Nos outros perfis das redes sociais, particularmente no *Facebook* e *Twitter*, são feitas chamadas para os vídeos do portal. Porém, como a postagem do curta *O jaqueirão do Zeca* é mais antiga, não há nenhuma referência sobre ele nessas plataformas. Desde 2012, o portal também dispõe de um blog, em que são abordados o cotidiano da equipe, os novos projetos, festivais e os novos curtas disponibilizados.

8. Considerações finais

A abordagem em torno da representação da memória cultural, a partir das plataformas digitais, está hoje relacionada a transformações sociais e tecnológicas que atingem o conceito de presença, copresença e de contemporaneidade, onde “tudo está ligado⁵²”. Em uma dimensão temporal, a noção de memória se altera, tanto pela sua natureza plástica quanto pelos suportes e plataformas que permitem reavivar e reproduzir a experiência. De certa forma, o próprio suporte já sugere outra forma de interação, que pode estar ancorado na particularidade de cada acesso, na retomada de “velhos” conteúdos e na transformação em atuais novamente.

A partir das considerações aqui estruturadas, percebe-se que algumas colaborações tocam-se com a leveza e a efemeridade. Algumas ainda envolvem contribuições regulares, outras já sugerem colaborações mais estáveis, já que a cultura da internet é muito mais do que a transferência de conteúdos: torna-se continuamente mais social e comunal (PREECE & SHNEIDERMAN, 2009). Por isso, o incentivo para que as pessoas colaborem vem especialmente por meio de ações visíveis, além da troca de capital social.

Essa percepção está ligada ao crescente envolvimento do *prosumer*, enquanto produtor e consumidor ativo dos conteúdos disponibilizados em plataformas digitais, nomeadamente aquelas direcionadas à memória cultural. Tanto o *Museu da Pessoa*, quanto o Portal *Porta Curtas* possuem um número expressivo de envio de conteúdo, mas não se identifica ainda uma replicação significativa desse material em outras plataformas. Por fim, admite-se que as relações entre os *prosumers* ainda são flexíveis e instáveis, e que há uma adaptação e customização em constante progresso por parte dos usuários nessas plataformas.

REFERÊNCIAS

BARÁBASI, Albert-László. **Linked**: How everything is connected to everything else and what it means for business, science and everyday life. New York: Plume, 2003.

CARNEIRO, Henrique Figueiredo. Banalização do patrimônio cultural e consequências perversas para a vida na cidade. In: MARTINS, C. (org.). **Patrimônio Cultural: da memória ao sentido do lugar**. São Paulo: Roca, 2006.

⁵² Expressão que faz referência à obra de Albert-László Barábasi: *Linked. How Everything is connected to Everything Else and What it means for Business, Science and Everyday Life* (2003).

CASTELLS, Manuel. **The rise of network society**. Oxford and Malden, Mass: Blackwell, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOWE, Jeff. **Crowdsourcing - Why the Power of the Crowd is Driving the Future of Business**. Crown Business. ISBN 0307396207, 2008.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de Comunicação**. Tradução Susana Alexandria. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2008.

LEMIEUX, Vincent. **À quoi sert les réseaux sociaux?**. Québec: Les Éditions de l'IQRC, 2000.

LEVY, Deborah. **Nadando de volta para casa**. Trad. Léa Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2014.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. 6ª ed. São Paulo: Editora 34, 2007.

MUSEU DA PESSOA (2014). Disponível em: <http://www.museudapessoa.net/pt/home>
Acesso em: 17/11/2014.

PORTAL PORTA CURTAS (2014). Disponível em: <http://portacurtas.org.br/filmes/> Acesso em: 16/11/2014.

PREECE, Jennifer; SHNEIDERMAN, Ben. The Reader-to-Leader Framework: Motivating Technology-Mediated Social Participation. In: **AIS Transactions on Human-Computer Interaction**, v. 1, issue 1, 2009, pp. 13-32.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Experiência, Modernidade e Campo dos Media**. 1999. Disponível em: Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação <http://www.bocc.ubi.pt/esp/autor.php?codautor=2> Acesso em: 10 de outubro de 2014.

SANTAELLA, Lucia. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2005.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. **Redes Sociais Digitais: a cognição conectiva do Twitter**. São Paulo: Paulus, 2010.

TOFFLER, Alvin. **A terceira onda**. São Paulo: Editora Record, 2012.